

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PEDAGOGIA DA ARTE**

**VANESSA FERREIRA NEVES DA SILVA**

**O OLHAR ALÉM DO ESPELHO**

**Cultura visual midiática e relações afetivas no ambiente escolar**

**Porto Alegre  
2008**

**VANESSA FERREIRA NEVES DA SILVA**



## **O OLHAR ALÉM DO ESPELHO**

**Cultura visual midiática e relações afetivas no ambiente escolar**

**Trabalho de Conclusão do Curso de  
Especialização em Pedagogia da Arte do  
Programa de Pós-graduação em  
Educação da Faculdade de Educação da  
Universidade Federal do Rio Grande do  
Sul.**

**Orientadora:**

**Doutora Vera Lúcia Bertoni dos Santos**

**Porto Alegre  
2008**

Dedico esta pesquisa para os educandos que compartilharam suas experiências tão espontaneamente e que proporcionaram novas subjetividades em mim.

Que este estudo seja um caminho para a investigação, a descoberta e o desvelar de reflexos que estão além do espelho, permanecem na busca constante de novos olhares à educação e à sociedade.

Agradeço pela paciência e dedicação de minha orientadora, Doutora Vera Lúcia Bertoni dos Santos, que valorizou minhas idéias desde as primeiras constatações, me subsidiou com seus conhecimentos e experiências, me incentivou a participar da seleção de Mestrado em Educação na UFRGS, a publicar e apresentar tais produções e, além disso, produziu em mim a vontade e o desejo cada vez mais nítido de pesquisar e conhecer os desafios que a educação proporciona.

De modo especial, aos meus familiares, que são o espelho da minha alma e torcem por cada etapa de conquista e por incentivarem diariamente meus ideais de continuidade aos estudos.

Ao meu querido e amado marido, que me inspira e me acalma nos momentos mais críticos, me acompanha e me incentiva a conquistar novos caminhos através do estudo e de meu potencial que cresce a cada experiência.

À amiga Luciana que esteve presente durante as conversas, os planos e incansáveis trocas de apoio, leituras, amizade e esteve comigo no encontro com o Professor Fernando Hernández.

E, finalmente, à Deus que proporciona cada conquista e torna possível vislumbrar e realizar sonhos.

Uma tecnologia é interativa na medida em que reflete as conseqüências de nossas ações ou decisões, devolvendo-as para nós. Desta forma, uma tecnologia interativa é um meio através do qual nós nos comunicamos com nós mesmos, isto é, como um espelho. O meio não apenas reflete, mas também refrata aquilo que lhe é dado; o que retorna somos nós mesmos, transformados e processados. Na medida em que a tecnologia nos reflete de forma reconhecível, nos proporciona uma auto-imagem, um sentido do eu. Na medida em que a tecnologia transforma nossa imagem, no ato da reflexão, nos proporciona um sentido da relação entre esse eu e o mundo vivenciado. Isto é análogo a nossa relação com o universo. A primeira lei de Newton afirma que "para cada ação existe uma reação igual e oposta", o que significa que tudo é um espelho. Nós descobrimos nossos "eus" no espelho do universo (ROKEBY, 1997, p.67).



## RESUMO

SILVA, Vanessa Ferreira Neves da. **O olhar além do espelho**: cultura visual midiática e relações afetivas no ambiente escolar. Porto Alegre: UFRGS, 2008. Dissertação de Especialização em Pedagogia da Arte – Programa de Pós-graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

A pesquisa aponta para diferentes manifestações infantis diante das programações atuais em TV aberta e por assinatura – artefato cultural presente no cotidiano familiar incorporado como mediador de subjetividade ao comportamento da infância contemporânea. O estudo focaliza-se num recorte da realidade da Rede Particular de Ensino, na zona norte de Porto Alegre, no bairro Parque dos Mayas, e envolve crianças da quarta série do Ensino Fundamental. A classe pesquisada é composta por nove meninas e quinze meninos, que participaram de entrevista semi-estruturada e propostas metodológicas que buscam discutir acerca dos questionamentos norteadores, tais sejam: em que medida as imagens da cultura visual interferem nas relações afetivas entre as crianças? Como as crianças produzem os sentidos da cultura visual a partir do que a mídia televisiva mostra? Tais questões instigam a observar e analisar as manifestações culturais da (e para a) infância, a partir do que as crianças consomem, especialmente na mídia televisiva – campo de investigação transdisciplinar. Procura-se refletir sobre as relações da infância que envolvem a prática unidocente na escola, como meio de discussão, análise e produção de elementos teóricos para contribuir com os questionamentos promovidos pela cultura visual contemporânea e compreender suas manifestações e reflexos na sociedade.

**Palavras-chaves:** infância, produção cultural midiática.

**Orientadora:** Professora Doutora Vera Lúcia Bertoni dos Santos

## Sumário

1. Introdução.....	10
2. Do reflexo atual, para a análise histórico-social.....	14
3. Uma investigação de múltiplos olhares: o espelho social.....	16
4. Relações de poder refletidas na cultura da infância.....	21
5. Conversas com o espelho da infância.....	26
6. Narrativas sociais que envolvem novas reflexões.....	34
7. Reflexos no espelho da escola e da cultura visual endereçada.....	38
8. Cenas da infância num olhar mais profundo, para além do espelho.....	43
9. Contribuições para a valorização da infância num contexto visual.....	50
10. Considerações sobre o reflexo da pesquisa.....	55
11. Referências.....	59
12. Anexos.....	60





## Introdução

Observo diariamente sons, cores, cheiros e atitudes que, diante do espelho, os reflexos permitem a visão mais clara das imagens que por si só mostram motivos para a análise com mais profundidade e possibilita construir elementos que evidenciam a pesquisa. Olho incansavelmente e percebo que a infância contemporânea envolve muitos desafios que atentam para o desenvolvimento integral das crianças. São muitos direcionamentos que conduzem as famílias, os educadores e o comércio a consumir e produzir cada vez mais formas de atrair e “desenvolver potenciais” dos sujeitos. Como pesquisadora e professora, percebo que a Cultura Visual transforma-se num dos tantos espelhos que refletem nas famílias e nas instituições escolares, as abordagens imagéticas que conduzem modos de vida no cotidiano.

Por trás do espelho, as instituições da sociedade colonizada, aprenderam a regular as maneiras de pensar e agir sobre o mundo. Uma delas é a escola, que parece estar com os “olhos embaçados” para a multiplicidade de realidades entrelaçadas ao processo de ensino-aprendizagem. Os educandos envolvidos nesse processo parecem querer dizer em suas ações, que a escola deve “enxergar melhor” seus objetivos e partir para propiciar ressignificações que acompanhem o movimento constante dos jovens.

Para além do espelho, este estudo encontra-se com uma dessas realidades e realiza diálogos que buscam conhecer as preferências dos jovens e os modos como a escola está envolvida na sociedade multicultural. A pesquisa aponta para diferentes manifestações infantis diante das programações atuais em TV aberta e por assinatura – artefato cultural presente no cotidiano familiar incorporado como mediador de subjetividade ao comportamento da infância contemporânea.

Como um reflexo invertido, o estudo focaliza-se num fragmento, um recorte da realidade da Rede Particular de Ensino e discute sobre como as imagens da cultura visual interferem nas relações afetivas entre as crianças e como as crianças produzem os sentidos da cultura visual a partir do que a mídia televisiva mostra. Procura refletir sobre a Arte como meio de discussão, análise e produção de elementos teóricos que contribuem com os questionamentos promovidos pela cultura visual contemporânea e, também, compreender suas manifestações e reflexos na sociedade.

Atraída por espelhos alheios, que provocam uma imersão nas imagens e me instigam a conhecer cada vez mais o enfoque sobre a Cultura Visual e a investigação, sob a orientação da Professora Vera Lúcia Bertoni dos Santos, a pesquisa é subsidiada por

teóricos como Fernando Hernández, que capta as experiências dos sujeitos e fornece os subsídios necessários às narrativas visuais que emergem na atualidade. Ressalta também, as perspectivas de Susana Rangel Vieira da Cunha que analisa diferentes produções da Cultura Visual em interstícios multiculturais. Entre outros teóricos e pesquisadores importantes para a temática cultural, que cerca diferentes maneiras de pensar e agir no mundo, suas representações e significados, destaca-se Stuart Hall, que discute a cultura como centro de significados usados pelas pessoas para organizar condutas.



*Seminário com Fernando Hernández em Montenegro-RS.*

Portanto, o presente estudo envolve uma cena recorrente da escola e suas relações com a Cultura Visual midiática, mas, sobretudo, os modos como as crianças constituem suas afetividades e representações do mundo espelhadas no contexto social da atualidade que podem ser visualizadas diante das fotos autorizadas pela escola<sup>1</sup>.

Deixa, ainda, algumas propostas que podem contribuir para que as diferentes percepções das crianças tenham a possibilidade de representar a si e o mundo de uma forma reflexiva, na busca da significação de si mesmas, do outro e do coletivo.

---

<sup>1</sup> Para as fotos serem utilizadas neste estudo foi elaborado o termo de consentimento assinado pela escola e que permitiu a divulgação da realidade escolar como meio de análise à pesquisa. O termo encontra-se em anexo.



*Expressividade do cotidiano através da arte: sensibilização.*



*A construção de novas subjetividades a partir da arte e da diversidade.*



## **Do reflexo atual, para a análise histórico-social**

Nos estudos que envolvem o Curso de Especialização em Pedagogia da Arte da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, compreendo que a cultura é transformada de acordo com as percepções dos indivíduos. Ao longo da história, muitos interesses e dominações, percorrem a linha do tempo até os dias atuais. Com o avanço da ciência, o homem possibilita inúmeras formas de conhecer o mundo e descobrir que a tecnologia está ao seu favor, seja na economia, seja na política ou até mesmo na cura de doenças e entre tantos outros modos de contribuir para suprir as necessidades do ser humano de uma forma prática e, algumas vezes, efetiva.

Na economia, percebo que a tecnologia avança para que a busca pela praticidade ultrapasse a necessidade e, para que, quem está no poder social conduza os sujeitos a um comportamento homogêneo e que contemple os interesses políticos da atualidade. A tecnologia produz a visualidade que se caracteriza pela observação das experiências do sujeito a partir da perspectiva que modela a visão e busca a acomodação diante da praticidade que se instaura. Muitos estudos apontam análises, mas também rupturas nesses conceitos de poder, provocando outros olhares frente aos comportamentos e atitudes da modernidade. A sociedade está em transição e a contemporaneidade possui esta característica, ou seja, rompe as fronteiras, possibilitando a percepção da realidade e a análise diante dos conceitos e normas vigentes com outros olhares.

Por um lado, a sociedade estabelece suas regras de conduta e seus modos de ver, o que se reflete no comportamento dos indivíduos e nas ações sociais. Por outro lado, os sujeitos percebem que podem produzir novos modos de ser e agir, tornando possível a transformação contínua da cultura. Como pesquisadora, tenho a oportunidade de conhecer esses dois lados, analisar as transformações culturais e seus reflexos na sociedade e, assim, possibilitar o acesso por outras pessoas ao estudo como uma forma de intervir e interagir socialmente.

A escola exerce poder na sociedade como tantas outras instituições políticas que ensinam e aprendem constantemente, direcionando olhares, modos de pensar e perceber o mundo. A educação está em todos os lugares e permanece institucionalizada, entretanto, não é somente na escola que os atos de aprender e ensinar se processam. A todo o momento aprendemos, ensinamos e nos transformamos. A tecnologia chega com a força necessária para que saibamos que a informação está presente e o acesso a ela

se mostra cada vez maior.

A escola, por sua vez, nem sempre consegue desenvolver esse olhar multicultural, pois permanece rígida nas maneiras de “produzir o conhecimento”. Se há muitas ações que mudam essa visão e contribuem para os desafios contemporâneos na construção do conhecimento para reconhecer as necessidades da sociedade e das gerações que estão chegando, outras continuam acompanhando uma sociedade idealista, manipuladora e conservadora, atendendo apenas as necessidades da própria escola.

Historicamente a escola foi criada pela necessidade de acesso às descobertas dos estudiosos, em favor dos interesses da sociedade, tornando possível seu crescimento e importância político-social. Atualmente, os sujeitos fornecem subsídios com suas experiências que mostram a sociedade reconfigurada em diferentes modos de pensar e agir. Existem novas estruturas familiares e o envolvimento cada vez mais nítido dos indivíduos com a tecnologia e com a mídia, que explora dualidades sociais e culturais. Entretanto, a escola não parece acompanhar essa reconfiguração, pois ainda não aprendeu a lidar com novas possibilidades e a produzir saberes necessários para processar conteúdos emergentes na contemporaneidade.

A partir dessas percepções, observando a realidade que cerca meu trabalho como educadora e as manifestações em sala de aula, descrevo a seguir o contexto escolar que me envolve e, num olhar investigativo, busco compreender as contribuições históricas que constituem os modos de ver a sociedade.



*Expressividade no ambiente escolar.*

## **Uma investigação de múltiplos olhares: o espelho social**

As situações históricas de regulação que corroboram para a formação da sociedade atual impulsionam os estudos norteadores desta pesquisa, que se articula à discussão sobre a afetividade a partir do que a mídia oferece à infância em uma realidade específica de escola privada na zona norte de Porto Alegre, bairro Parque dos Mayas.

A comunidade que cerca a escola é composta por integrantes de classe média baixa, sendo alguns, bolsistas selecionados anualmente pelo Ministério da Educação (MEC), alunos que possuem desconto e outros que realizam o pagamento integral. A Equipe Diretiva da Escola é organizada por setores, tais como: Diretoria da Escola, o SSP, Serviço de Supervisão Pedagógica, o SOE, Serviço de Orientação Educacional e o SOR, Serviço de Orientação Religiosa. Toda a equipe colabora com a pesquisa desenvolvida para sua conclusão no Curso de Especialização em Pedagogia da Arte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A turma pesquisada caracteriza-se por estar na quarta série do Ensino Fundamental, constituída por vinte e cinco educandos, destes, quinze meninos e nove meninas, da qual sou a educadora responsável, lecionando as disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia e Artes, sendo, esta última, o foco principal da pesquisa, uma vez que permite a união de todas as áreas e torna-se meio de discussão, análise e produção de elementos teóricos para contribuir com os questionamentos promovidos pela Cultura Visual contemporânea, suas manifestações e reflexos na sociedade.

Os termos “educando” e “educadora”, mencionados neste texto, estão vinculados à proposta do teórico Fernando Hernández, que considera “que se deva repensar e reinventar a Escola se quisermos oferecer possibilidades de construção da própria identidade como sujeitos históricos e como cidadãos (e não só de aprender “conteúdos”) àqueles que acedem a ela” (HERNÁNDEZ, 1998, p.16). Refiro-me a educandos também, pelo fato dos narradores desse estudo serem valorizados como sujeitos, pois é da realidade dessas crianças que emergem as questões investigativas. Com os sujeitos de pesquisa é possível perceber as necessidades que diferentes realidades possuem e, a partir dessas informações, compreender as relações que se constituem no cotidiano.





*Relações constituídas no cotidiano pelos educandos.*

A coleta e a análise dos dados consideram a importância dos agentes, as crianças que configuram as ações do cotidiano e criam representações espontâneas. Esse é o principal motivo de serem considerados na pesquisa como educandos, pois aprendem novos signos a partir das relações com diferentes objetos e pessoas. Assim, são capazes de ensinar os adultos a refletir constantemente diante dessas experiências, para que a prática educativa na instituição familiar também seja valorizada. Essa idéia fundamenta o papel do educador, pois permite o conhecimento mais aprofundado da realidade em que está envolvido. Nesse sentido, é necessário que o educador ouça as narrativas que produzem as representações cotidianas para a partir delas refletir acerca dos modos de pensar a contemporaneidade e tornar possível ressignificar a experiência dos educandos no ambiente escolar.

De acordo com as leituras referentes aos estudos sobre Hernández, pude perceber que a infância pós-colonizada é produzida pela escola colonizadora que, muitas vezes, não relaciona o saber, ou a interação com o meio. Em conseqüência disso, produz carências e tentativas retrocedentes dos saberes. Há muitos lugares mudando essa visão

da escola, instituições que tornam esse espaço uma fonte de experiências e descobertas que afetam a comunidade e valorizam os significados que as produzem.

Na perspectiva de Hernández, a escola é observada como o lugar em que os educandos e educadores compartilham experiências, sendo necessário valorizarem-se como indivíduos sujeitos às mudanças na contemporaneidade:

Uma construção que tem presente as relações que os indivíduos estabelecem com as diferentes experiências culturais e, em especial, com os conhecimentos que podem ter relevância para eles e elas, numa época em mudança, como a que estamos vivendo. Sem esquecer que a Escola, se reinventada, pode favorecer que as pessoas que sofrem diferentes formas de exclusão e discriminação encontrem um “lugar” a partir do qual possam escrever sua própria história (HERNÁNDEZ, 1998, p.16).

Desta forma, utilizo os termos educando e educadora, pois considero que a reinvenção das propostas escolares, assim como da educação e da escola de maneira geral, proporciona a reflexão constante. A realidade da escola é ampliada com esses ou outros termos que possibilitam diferentes maneiras de olharmos para o ensino e para a mudança de ações no cotidiano escolar.



*Pesquisa interativa na biblioteca.*

A partir da realidade das crianças é possível perceber suas carências e produzir intervenções diante da identificação de algumas referências estabelecidas pelos educandos. As crianças possuem diferentes experiências e as demonstram através de atitudes e artefatos que utilizam. Ao observar essa realidade, pude perceber que as programações televisivas corroboram suas preferências. São adesivos, cadernos, mochilas, brinquedos, acessórios e comportamentos relacionados ao que as crianças assistem. É uma indústria nitidamente exclusiva para crianças, que produz cada vez mais objetos e comportamentos que se refletem no cotidiano escolar.

Dessas constatações acerca da exploração crescente da visualidade na cultura emergem as questões deste trabalho, que se torna importante por investigar o domínio das imagens visuais na sociedade, tanto como produtoras, quanto como receptoras de subjetividades.

As representações visuais destacadas neste estudo são referentes à perspectiva de Hernández e salienta:

[...] movimento cultural que orienta a reflexão e as práticas relacionadas a maneiras de ver e de visualizar as representações culturais e, em particular, [...] às maneiras subjetivas e intra-subjetivas de ver o mundo e a si mesmo” (HERNÁNDEZ, 2007, p. 22).

Dessa forma destaco em minha pesquisa que a referência visual nas crianças é dominada pelo aprendizado, no sentido amplo, pois antes mesmo de serem alfabetizadas, já estão imersas no mundo visual.

A escolha por essa escola da Rede Privada possibilita a observação sobre os modos como as crianças constituem a afetividade ao compartilharem suas experiências, além de permitir novos olhares frente à realidade escolar e proporcionar intervenções significativas ao meio educativo.



## Relações de poder refletidas na cultura da infância

As representações culturais estão em muitos lugares e possibilitam ao pesquisador conhecer a diversidade que a contemporaneidade produz como instrumento político e de acesso às diferentes críticas da sociedade que podem ser articuladas no campo da educação, proposta desse estudo. Diante das manifestações de desrespeito, violência, e da carência de valores éticos observados na classe que leciono, a desvalorização entre os estudantes produz constantes relações de poder, tornando uns mais fortes e dominadores e outros mais submissos e dominados. Esta é uma das maneiras que as crianças encontram para representar a sociedade atual e, assim, conviver com as situações vigentes, produzindo efeitos sociais na própria experiência.



*Situações de desrespeito entre os colegas no saguão da escola.*

Refiro-me, com o termo “relações de poder”, quando reconheço a presença de regulação de conduta por meio de pessoas a outras pessoas, em diferentes lugares, em especial na escola e com a mídia televisiva. Destaco as palavras de Stuart Hall, com um exemplo de como a cultura é regulada:

A estratégia é alinhar as motivações e aspirações pessoais e subjetivas de cada sujeito às motivações da organização, redefinir suas habilidades e capacidades conforme as especificações pessoais e profissionais da empresa, internalizar objetivos organizacionais como suas próprias metas. Isso configura a aplicação do que Foucault denominou as “tecnologias do eu” para a “construção de si mesmo” para produzir os sujeitos – nas palavras de du Gay (1997) – como espécies diferentes de sujeitos empreendedores. A regulação por meio da “mudança cultural” – por uma passagem para o “regime dos significados” e pela produção de novas subjetividades, no interior de um novo conjunto de disciplinas organizacionais – é outro modo poderoso de “regular através da cultura” (HALL, 1997, p. 43).

No caso da classe de pesquisa, ocorre uma relação de poder semelhante, porém a realidade é pertinente às crianças que exercem poder entre si e em relação aos adultos,

reproduzindo suas aprendizagens da cultura atual, que propaga uma “realidade” na qual se costuma resolver grande parte dos problemas através da violência verbal ou atitudinal. A aprendizagem dessa realidade ocorre em muitos espaços ocupados pelas crianças: família, escola, comércio, grupos sociais, entre outros e, em destaque, a televisão, elemento integrante do ambiente familiar.

A observação desse aspecto do comportamento dos alunos com os quais trabalho iniciou logo na segunda semana de aula. Agrediam-se no recreio, voltavam para a sala de aula agitados e continuavam suas discussões mesmo no decorrer das atividades letivas.

Após o recreio, como mediadora, parava a aula diversas vezes para discutir o que havia ocorrido e, da mesma forma, repensar as práticas escolares para tentar unir diferentes saberes, o que inclui a conscientização do olhar para o outro e para si mesmo. Porém, pouco parecia ser resolvido. Os alunos pediam desculpas, pareciam aprender juntos diante da mediação da professora ou brincavam durante a aula, mas isso ocorria somente até o recreio do dia seguinte. Cabe ressaltar que essa interpretação ocorre a partir das minhas observações, e que o meu modo de olhar influencia esse relato. Por outro lado, tento me desprender e considerar a experiência vivida por essas crianças com um olhar cultural, e não individual, nutrindo-me teoricamente para compreender que a aproximação desses diferentes saberes é constitutiva deste processo de reflexão.

Na terceira semana letiva observei que, para além do recreio, as atitudes dominaram a sala de aula, sendo difícil qualquer conversa respeitosa entre os alunos sem a minha intervenção. Senti a necessidade de criar situações para que eles pudessem refletir em grupo ou socializarem-se. Ocorreram momentos de debates em que alguns desvalorizavam as opiniões dos colegas, tornando a própria opinião com valência. Aqueles que acreditavam que sua opinião não tinha valor, assumiam as idéias do outro como sua, aceitando-a. Ao formar grupos, reclamavam dos componentes, gerando insatisfação e desmotivação. Quando alguns desafios eram lançados, não cumpriam regras básicas de sala de aula, como o respeito a opinião do outro, a espera na vez de falar, a atenção para as explicações da professora, e produziam discussões acerca de outros fatos ou acontecimentos pertinentes à vida de alguém da turma.



*Uso do espaço escolar como ambiente para representar a visualidade cultural.*

Para entender melhor a frequência e mudança de comportamentos, ressalto as idéias de Hall, que explica a cultura como “significações” de atos aprendidos pelos seres humanos na relação uns com os outros:

Nas humanidades, o estudo das linguagens, a literatura, as idéias filosóficas, os sistemas de crença morais e religiosos, constituíram o conteúdo fundamental, embora a idéia de que tudo isso compusesse um conjunto diferenciado de significados – uma cultura – não foi uma idéia tão comum como poderíamos supor. Nas ciências sociais, em particular na sociologia, o que se considera diferenciador da “ação social” – como um comportamento que é distinto daquele que é parte da programação genética, biológica ou instintiva – é que ela requer e é relevante para o significado. Os seres humanos são seres interpretativos, instituidores de sentido. A ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para o que as observam: não em si mesma mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros. Estes sistemas ou códigos de significado dão sentido às nossas ações. Eles nos permitem interpretar significativamente as ações alheias. Tomados em seu conjunto, eles constituem nossas “culturas”. Contribuem para assegurar que toda a ação social é “cultural”, que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação (HALL, 1997, p. 16).

Diante dessas relações que se organizam conforme os significados que os seres produzem, analiso que o comportamento demonstrado até aquele momento pelas crianças, constitui novos signos da cultura contemporânea e, dessa forma, são construídos como práticas “automáticas” e que ainda assim, não provém do “instintivo” (HALL, 1997, p. 42). As palavras destacadas por Hall evidenciam o ponto de naturalidade criado na sociedade com a regulação constante. Desde pequenas, as crianças vivenciam a regulação como forma de educação do comportamento humano. Com isso, as relações também são aprendidas constantemente a partir do que elas vêem, ou seja, a aprendizagem também se dá ao assistir programas na televisão, manifestando-se nas ações do dia-a-dia da criança. O desenho animado, por exemplo, é relatado pelos alunos

como uma atividade ou história “não real”, mas observo que é um elemento que produz a realidade deles, pois é tratado como uma brincadeira e reproduzido como tal.

A multiplicidade de interesses produz uma visão abrangente quanto ao momento da sociedade, pois cada vez mais se utiliza das imagens para capturar as preferências dos mais diferentes públicos e, dessa forma, educar as maneiras de ser e viver na atualidade.



*Revistas trazidas pelos educandos ao espaço escolar.*





## Conversas com o espelho da infância



*A multiplicidade de relações no ambiente escolar.*

A partir de diversas situações vivenciadas em minha prática pedagógica, alguns questionamentos foram produzidos para possibilitar a reflexão sobre os comportamentos apresentados. Essa é uma das maneiras para aprofundar o estudo e compreender as necessidades afetivas da contemporaneidade.

Dessa forma, as idéias sobre afetividade destacadas na pesquisa caracterizam-se pela afinidade que a criança apresenta pelo outro a partir da relação entre si consigo e entre si e o outro que possibilitam a expressão dos sentimentos.

Diante das idéias de Vygotsky é possível elucidar brevemente a compreensão da afetividade através dos sentimentos:

Se os sentimentos que experimentamos se conversassem e funcionassem no campo do inconsciente, passando constantemente à consciência (como faz o pensamento), a vida da nossa alma seria tal mistura de paraíso e inferno que a organização mais forte não suportaria esse encadeamento ininterrupto de alegrias, tristezas, ofensas, iras, amor, inveja, ciúme, remorso, lamentos, temores, esperança, etc. Não, uma vez vividos e apagados, os sentimentos passam para o campo do inconsciente e este não existe na alma sensível. Como processos predominantemente conscientes do psiquismo, os sentimentos antes dependem do que economizam força mental. A vida do sentimento é um consumo da mente (OVSIÁNIKO-KULIKOVSKI apud VYGOTSKY, 1999, p. 253).

Para compreender os acontecimentos no ambiente escolar pesquisado houve a necessidade de buscar mais informações a respeito da afetividade como busca de um olhar mais profundo à infância atual. A partir das informações que ressaltam as idéias de Vygotsky, dos acontecimentos descritos em minha prática pedagógica e dos entrecruzamentos culturais observados, o primeiro questionamento caracteriza-se por:

1. Como aproximar as individualidades que compõem a realidade escolar e desenvolver as afetividades utilizando-se das práticas pedagógicas em arte?

Na perspectiva de Chalita “são pequenos gestos que provocam as mudanças, e a intervenção de cada um de nós, mesmo que numa tímida esfera de atuação, produz

resultados alentadores. O trabalho com dinâmicas, com momentos, com decisões” (CHALITA, 2001, p. 68).

Também destaco Vygotsky na perspectiva de inserir a Arte no cotidiano escolar de maneira que favoreça a expressão dos sentimentos, portanto, da afetividade “no que se refere a arte, aqui domina exatamente a lei inversa do dispêndio e gasto de descarga da energia nervosa, e nós sabemos que quanto maiores são esse dispêndio e essa descarga tanto maior é a comoção causada pela arte” (VYGOTSKY, 1999, p. 257).

Com base nessas idéias e articulando as leituras das obras de Hall e Hernández, promovi algumas intervenções em minha prática de sala de aula. Uma delas foi a dinâmica de troca de lugares, que consiste em atividades artísticas, cognitivas ou afetivas através das quais os educandos passam a sentarem ao lado de alguém como dupla, ou grupo, para a promoção da socialização e da cooperação nos momentos de aula, além do desenvolvimento do conhecimento afetivo entre eles que, possibilita gerar afinidades.

Nessa prática, os alunos são provocados a compartilharem suas aprendizagens e conhecimentos e aproveitar para aprender com os colegas algo para si mesmo, além de conhecê-los, formar as próprias opiniões e ouvir as opiniões dos outros. Ao longo das semanas os educandos demonstravam que o respeito e a admiração entre os demais, poderiam ser adquiridos ao conhecermos diariamente quem está no mesmo ambiente. A cada semana, eles questionavam se trocariam de lugar, tornando-se uma atividade esperada, divertida e instigante. Quando os conflitos ocorriam, não eram questionados os lugares em que estavam, mas sim as atitudes que geravam tais discussões protagonizadas pelos colegas em determinados momentos.

Durante as observações em aula, buscando detectar possíveis avanços ou conflitos entre as crianças, percebi que nos momentos de atividades em grupos para realizarem experimentos de pintura, desenho ou recortes, elas conseguiam relacionar-se de maneira mais cooperativa, pedindo materiais umas às outras de maneira respeitosa, conversando, e até olhando os trabalhos de outros grupos, sem importuná-los. Originou-se assim, o “momento artístico”, como é chamado pelas crianças, que consiste na experimentação livre das artes, na qual elas extravasam sentimentos, emoções e preferências, através da expressão dramática, corporal, musical e plástica, usando também o desenho, a montagem e a modelagem, dentre outras formas expressivas.

Durante essas manifestações artísticas, desejo analisar a maneira como as crianças olham-se, pois, na perspectiva de Hall, elas aprendem a partir do olhar que produzem e do olhar que é produzido sobre elas:

A leitura que pensadores psicanalíticos, como Jacques Lacan, fazem de Freud é

que a imagem do eu como inteiro e unificado é algo que a criança *aprende* apenas gradualmente, parcialmente, e com grande dificuldade. Ela não se desenvolve naturalmente a partir do interior do núcleo do ser da criança, mas é formada em relação com os outros; especialmente nas complexas negociações psíquicas inconscientes, na primeira infância, entre as crianças e as poderosas fantasias que ela tem de suas figuras paternas e maternas. Naquilo que Lacan chama de “fase do espelho”, a criança que não está ainda coordenada e não possui qualquer auto-imagem como uma pessoa “inteira”, se vê ou se imagina a si própria refletida – seja literalmente, no espelho, seja figurativamente, no “espelho” do olhar do outro – como uma “pessoa inteira” (LACAN, 1977 apud HALL, 1997, p. 37).

O olhar produzido possibilita enxergar e interpretar o mundo para construir a si próprio e construir o outro da própria maneira. A atividade artística promove o despertar de sensações e a expressividade sem fronteiras, ou seja, o limite é criar e recriar a própria realidade através da fantasia.



*Socialização frente às atividades artísticas.*

Levantei novos questionamentos para a análise das manifestações agressivas dos alunos focalizando o ensino da Arte, em específico, da Arte Visual. Se, de acordo com Zilberman (apud Ketzer, 2003), referindo-se a criança, a cultura midiática interfere “no controle e manipulação de suas emoções”, pergunto-me se é possível as crianças produzirem afetividades a partir das imagens que a Cultura Visual expõe. E, a partir dessa idéia mais ampla, especifico outras questões, tais sejam:

2. Em que medida as imagens da Cultura Visual interferem nas relações afetivas entre as crianças?
3. Como as crianças produzem os sentidos da Cultura Visual a partir do que a mídia televisiva mostra?

Essas questões me instigam a compreender e refletir sobre como as manifestações no comportamento infanto-juvenil produzem a cultura contemporânea e, ao mesmo tempo, analisar o que as crianças produzem e reproduzem. É a análise que possibilita perceber novos modos de ver os endereçamentos dos olhares infantis, ou seja, há um direcionamento para os diferentes públicos e em diferentes programações que refletem atitudes e parâmetros estéticos, sociais e políticos na sociedade.

Para obter uma análise embasada na realidade dos educandos, foi realizada uma entrevista semi-estruturada, e individual, mediante a qual se abordou as preferências de cada aluno, o que tornou mais visíveis os processos de interação com a mídia televisiva, suas brincadeiras e seus modos de perceber suas ações no cotidiano. As questões nortearam a conversa para subsidiar a pesquisa, tendo por objetivo principal perceber como a criança produz sentidos diante da cultura visual midiática no cotidiano o que possibilitou identificar os signos representados na escola, a fim de estruturar análises mais profundas das influências midiáticas da contemporaneidade.

O roteiro utilizado na entrevista semi-estruturada com os sujeitos da pesquisa, alunos da quarta série do Ensino Fundamental, é apresentado a seguir, com o grupo de questões precedidas dos objetivos que as originaram.

Visando caracterizar o sujeito e analisar a faixa etária de pesquisa na realidade que leciono, questiono:

- *Quantos anos tu tens?*

Para identificar a presença da mídia televisiva e a frequência no cotidiano da criança em que é utilizada:

- *Na tua casa tem televisão?*
- *Quantos aparelhos de televisão vocês têm e em que peças da casa eles estão?* (É interessante para saber se a criança tem TV no quarto, por exemplo).
- *Tu costumavas ver televisão? Todos os dias? Em que horários? Tu costumavas ver televisão sozinho ou com alguma companhia?*
- (No caso de mencionar alguma companhia) *Com quem?*

Para relacionar os programas e as preferências da criança, na busca de elementos necessários que identifiquem a representação das ações agressivas na escola:

- *Qual é o teu programa preferido? Por quê?*
- *Que outros programas tu gostas? Por quê?*
- *Em que momentos assistes a esses programas?*
- *Gostas de algum desenho animado? Qual?*
- *Quando, e a que horas, assistes a esse programa?*
- *Desses programas que tu gostas, o que mais chama tua atenção? Por quê?*
- (Se o sujeito fizer referência a um personagem) *Tu costumavas brincar de (nome do personagem)?*
- *Como é essa brincadeira?*

- *Quando e onde costumava brincar?*
- *Brincas sozinho ou com alguém? Quem?*
- *Usa algum material para brincar?*

Essas questões possibilitaram à pesquisa um modo de compreender melhor a expressão dos educandos em sala de aula e em casa, suas experiências com a mídia, em especial, a televisão, e a natureza das suas respostas aos endereçamentos que caracterizam a área midiática.

Na análise das respostas obtidas, reflito sobre a relação da mídia como objeto de estudo nos registros de Berg, diante da compreensão da sensibilidade na Arte que, para ele, é primordial no processo de ensino-aprendizagem:

Assim como a arte é indissociável da vida desde o tempo das cavernas, ou seja, desde o tempo em que o homem é homem, assim também a educação artística necessita estar no centro da vida escolar e não ao lado dela. Só o indivíduo sensível poderá assistir desencadear do processo de aprendizagem (BERG, 1990).

Os modos de aprendizagem são diferentes em cada época, nesse sentido, a contemporaneidade é constituída também por imagens. Para que o educando desenvolva a sensibilidade na produção de experiências, torna-se portador da mesma diante das situações vividas consigo mesmo e com o outro. Caracteriza-se também, pelo conhecimento adquirido, sendo necessárias mudanças no modo de olhar o outro e a si mesmo, para que perceba que suas relações na sociedade não são isoladas, compreendem um núcleo que se expande a outras experiências vividas também por outros sujeitos.

Para encontrar as possíveis soluções de comunicação entre os colegas da turma, observei que, nas longas conversas entre os alunos em sala de aula, os modos de olhar das situações estavam imbricados pelas discriminações, tornando a imagem dos envolvidos denegrada e os conhecimentos dos mesmos insuficientes para tais resoluções. Os discursos estavam repletos de protestos contra certas atitudes, na busca de “culpados” para os próprios atos, gerando ainda mais conflitos.

Nas narrativas compreendidas das obras de Hernández, há muitas contribuições para os novos olhares em sala de aula e um deles, destaco aqui:

Estas e outras vozes sugerem que o projeto da Escola se insira em uma nova narrativa que dialogue com as situações de mudança que afetam tanto os sujeitos pedagógicos como as relações sociais, as representações culturais e os conhecimentos. Isso requer, por parte dos adultos, a necessidade de discernirem os elementos que constituem as culturas do grupo-classe. O que significa conhecer não apenas os valores culturais que vêm apoiando ou silenciando com seus objetivos de aprendizagem, mas prestar atenção à maneira como se

constroem essas formas de “culturas” dentro e fora da sala de aula. Significa levar a cabo o que Giroux (1996) denomina uma “recuperação cultural”, ação esta que exige que a produção de conhecimentos, as experiências de subjetividade e a participação na Escola possam ser abordadas como questões éticas, políticas e pedagógicas (HERNÁNDEZ, 2007, p. 38).

Dialogar com os elementos trazidos por Hernández permite a reflexão de questões emergentes na contemporaneidade e que foram construídas ao longo da história. É preciso situar essas relações instigando a conscientização da imagem midiática, a democracia e a pluralidade cultural para que os sujeitos expressem suas diferentes opiniões e estejam inseridos na sociedade, não apenas como receptores da produção visual, mas como seus agentes.

Entendo que essas “situações de mudança” emergem também dentro do espaço escolar mediante a observação dos sujeitos entre os sujeitos, pois é nesse espaço que as crianças estão por um longo período do dia, convivendo com diferentes pessoas, sejam elas da própria faixa etária ou não. São pessoas que fazem parte de diferentes fases da vida humana e que possuem uma experiência diversificada, permitindo assim, um contato direto com as diversas culturas, além de permitir a si mesmo a construção de outras subjetividades. A criança ressignifica constantemente o próprio valor na sociedade e as narrativas constituem-na como agente, que se constitui a partir da oportunidade de novas percepções do cotidiano.

Ressalto Vygotsky que compreende que “todas as nossas emoções têm uma expressão não só do corpo, mas também da psique” (VYGOTSKY, 1999, p. 263). A partir desse entendimento é possível observar que as percepções cotidianas desenvolvidas pelo pensamento infantil estão entrelaçadas pelas experiências e podem ser ainda mais estimuladas através da expressividade artística.

O eixo que conduz essa percepção é a convivência e a experiência que as relações permitem estabelecer e reestabelecer-se em novos parâmetros. A construção de significados, a aproximação da comunidade e a construção do sujeito social, tornam-se campos de estudo do pesquisador em educação, para que a função da escola seja cada vez mais próxima das complexidades das trajetórias infantis e, dessa forma, valorize a visão de mundo dessas crianças, para tornar possível novas configurações da realidade.



*A convivência da turma e suas relações interculturais observadas.*





## Narrativas sociais que envolvem novas reflexões

Em algumas conversas no início das aulas, observei que as crianças questionaram as ações na mídia diante das imagens e atitudes de “terroristas”, pessoas presas e a violência. Isso causou polêmica e uma originou uma discussão produtiva em aula, pois as crianças queriam saber os motivos pelos quais cada pessoa “é o que é” ou “faz o que faz” na idade adulta.

Desse ponto surge o nome da pesquisa - “O olhar além do espelho” – pois, na minha perspectiva, a grande dúvida das crianças relacionava-se ao modo de vida que determinados adultos possuem e como o comportamento deles na infância influencia o cotidiano, ou seja, como o comportamento das crianças se reflete na fase adulta, a partir de suas experiências. Essa reflexão, trazida pelas crianças, produziu em mim, professora e pesquisadora, e em meu cotidiano, a reflexão de que somos constituídos pelos signos que observamos, que também somos observados e mais, que as ações midiáticas, e tantas outras, são endereçadas à formação dos indivíduos, sejam eles conhecedores ou não da manipulação consumista da mídia e dos demais modos de regulação da sociedade contemporânea.

O projeto de pesquisa enfatiza o faz-de-conta das crianças no espaço escolar em que leciono, enfocando o “momento artístico”, mediante o qual elas trazem o imaginário para a realidade em sala de aula, suas conversas sobre as imagens produzidas nesse contexto, em que as representações do cotidiano são expressas espontaneamente, e a reflexão desses signos que as crianças produzem e reproduzem no contexto escolar. Como pesquisadora, ligada a área da educação e da arte, reflito sobre essas imagens, propondo essa relação com a Arte Visual. Esse foi o primeiro passo para que, aos poucos, as crianças com as quais convivo na escola, percebessem a importância de si e do outro e dos reflexos que suas experiências produzem na sociedade.



*Relações individuais e coletivas expressadas através da ludicidade.*

Chalita, 2001 enfatiza esse processo tornando a análise de mudança uma atitude de aprendizagem:

A mudança que é fruto da reflexão enriquece, ensina. É o contrário da mudança volúvel, irrefletida, que conduz às futuras lamentações, ao arrependimento e ao ressentimento. Quem não devolve a virtú (é a ação humana em atividade) não permite aflorar o potencial construtivo de que todos dispomos e termina por ocasionar o mal, ainda que involuntariamente, a si e aos outros (CHALITA, 2001 p. 93).

Como observadora dos protestos discursivos e atitudinais que ocorrem todos os dias em sala de aula percebi, subsidiada pelas leituras das referências que expandiram “minhas lentes”, o descontrole das emoções das crianças por interagirem numa sociedade em processo de mudança constante e a conseqüência dos problemas que cercam a contemporaneidade, como a violência, o descaso e o consumismo. Como a “reflexão enriquece, ensina”, detectei nas atitudes e questionamentos realizados pelos educandos pertinentes à carência de momentos mais lúdicos, a exemplo da brincadeira e da própria relação com a Arte, discutida através das idéias sobre o controle das emoções, de Ketzer, que mostra a simbologia expressa diante do descarte de brinquedos e brincadeiras, permanecendo implicadas no comportamento humano. Quando há o desejo de adquirir algo e esse desejo é conquistado, se produz um valor e a preservação constante, além do uso freqüente ou incansável do objeto.

Atualmente a infância costuma apresentar uma postura contrária, pois quando a criança possui o que quer, sem o mínimo esforço, a insatisfação ocorre rapidamente, uma vez que o brinquedo é descartado por um novo objeto ou por esse objeto ser de material descartável. Isso reflete nas emoções da sociedade, no modo de vida e de tratar os seres, o que tornam pessoas, animais, plantas, e até mesmo os sentimentos, descartáveis. Além disso, as indústrias e a manipulação midiática cada vez mais exploram esse campo do “descarte”, produzindo artefatos que facilmente podem ser substituídos por outros artefatos ainda melhores, tornando gradativamente possível, um ciclo consumista e desvalorizador.

Em relação às crianças, pondera Ketzer, 2003:

Aprendiam, desse modo, um princípio básico válido para a formação dos indivíduos e fortemente experimentado nas vivências oportunizadas pelo brinquedo no plano simbólico – o da preservação e da conservação das relações humanas. [...] a recomposição do cenário que compunha a infância de gerações passadas ajuda a ilustrar a questão: a funda ou bodoque; o jogo da amarelinha ou sapata; as três marias; a pandorga, papagaio ou pipa; a boneca de pano; o carrinho de mão; o bambolê; o passa-anel; a corda; o pião; o bilboquê; a bola de gude; o telefone sem fio... povoaram os sonhos de meninas e meninos que foram acalentados pelo soar desses ritmos, desses sons. Hoje esquecidos no baú da memória por força do impulso industrial vivido pelo País, [...] (KETZER, 2003, p. 18).

Assim como as crianças, as mulheres também são o alvo da publicidade, pois a sociedade as direciona à compra ou manipulação das necessidades da casa. Dessa maneira estão expostas aos convites na mídia televisiva, em revistas ou encartes. A televisão, é dominante, desde sua instauração na sociedade, produzindo a cultura do consumo em estratégias de *marketing*, seja na produção em propagandas, seja na criação ou recriação de programas que possibilitam a fabricação de produtos chamativos e interessantes, mesmo que não instiguem a imaginação. O que instigam é o consumo, a preferência, os modos de agir e “ser mulher”, “ser criança”, “ser mãe”, “ser menina”, “ser menino”, “ser homem”. Assim, atingem os mais variados públicos, gerando a cultura da sociedade e tornando-a como senso comum direto, pois a via comunicativa de massa é a televisão.

A insatisfação e a falta do desejo pelas crianças, mulheres e homens são aspectos da cultura atual cada vez mais nítidos. Como o foco da pesquisa são as crianças, a análise é direcionada a compreender o que as constitui e como elas são constituídas. Atualmente a infância não necessita desejar, pois as crianças possuem o que querem. Instaura-se uma espécie de insaciedade e insatisfação permanentes, como ressalta Ketzer. Concebidos, ora pela falta de tempo dos adultos, que tentam compensar com presentes, ora pela dominação dos meios comunicativos, em especial a televisão, por ser um veículo de informação rápido, ágil, de fácil acesso e de grande apreensão da atenção, tanto por parte da criança, do adolescente, quanto do adulto.

Para que se perceba as ações da infância atual e ocorra uma mudança de valorização pessoal e coletiva entre os educandos envolvidos nesta pesquisa, estabeleci alguns objetivos:

1. Compreender as diferentes linguagens que a criança produz a partir da cultura visual, na mídia televisiva, constituinte de estereótipos e opiniões;
2. Refletir sobre as experiências das crianças frente à mídia, em suas preferências no que assistem e na constituição de imagens, promovendo o conhecimento frente à construção da infância na contemporaneidade.

A entrevista proporcionou uma análise aprofundada desses objetivos, construindo outras percepções que interagem com a infância atual. É uma das diversas formas que existem de promover o construcionismo, ou seja, como nos olhamos e como olhamos a realidade. A partir desta entrevista é possível perceber que a investigação é interpretativa. Constrói-se um diálogo antecipadamente, porém o que acontece no contexto do relato é que mobiliza para novas percepções ao direcionamento da conversa. As narrativas implicam as posições e complexidades da infância contemporânea de uma realidade,

sendo que outras realidades podem ser identificadas a partir desse relato, porém não são fixas, pois existem outras configurações da infância, que expressam outros recortes da sociedade.

Cabe ressaltar que as interpretações são múltiplas e que cada significado produz diferentes subjetividades, não sendo possível registrar ações complexas, tais como: a expressão, o sentimento, o pensamento, a escuta, entre outras não visíveis, que escapam à forma escrita.



*Subjetividades no olhar que vê e expressa a realidade.*

## **Reflexos no espelho da escola e da cultura visual endereçada**

Os estudos sobre a Cultura Visual têm se destacado no Brasil a partir da proposta de Fernando Hernández em suas publicações conhecidas desde 2000. Susana Rangel Vieira da Cunha mostra em sua Tese de Doutorado, intitulada *Educação e cultura visual: uma trama entre imagens e infância* em 2005, que cada vez mais questionamentos surgem com as diversas visualidades que a cultura contemporânea corrobora entre as fronteiras educacionais.

O início dos estudos sobre a Cultura Visual surgiu a partir dos Estudos Culturais, que abordam os modos como os sujeitos compreendem e significam as produções culturais desde o século XX. Desse modo, a Cultura Visual compreende a produção cultural e os significados entrelaçados com os sujeitos, porém, na busca em perceber as manifestações da sociedade, nas experiências com a universalidade de imagens e nas relações produzidas e reproduzidas. É também um campo disciplinar que se articula com outros campos de estudos, tais como: a sociologia, as relações de gênero, o pós-estruturalismo e a semiótica, dentre outros que, de maneira interdisciplinar constituem “os modos de ver e as tecnologias da visão”, como ressalta Cunha (2005, p.30).

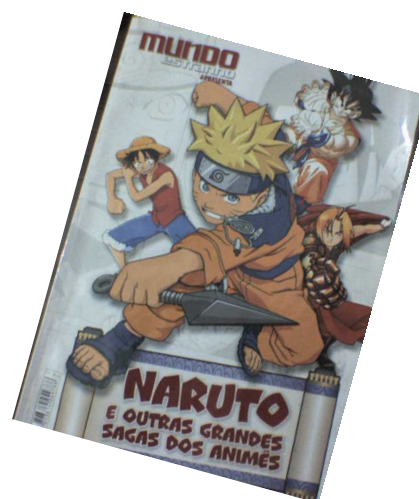
A Cultura Visual abrange os diferentes mundos que são criados a partir do modo como nos vemos e como vemos quem está ao nosso redor e, ainda as imbricações tecnológicas que fazem parte dos signos cotidianos dos sujeitos que, através da visão (fisiologia ocular), torna possível a visualidade, ou seja, a construção cultural do olhar. A visão proporciona o contato direto com os elementos dispostos em diferentes lugares, com cores, formas e características atribuídas aos objetos e seres. A visualidade é o olhar profundamente atrelado às experiências de cada sujeito, que constrói significados distintos a cada contexto social. Atribui-se também à cultura e à construção imagética nos modos de aprendizagens escolares ou em outras instâncias como família e diferentes grupos sociais, que negociam as escolhas e constroem as experiências.

Gillian Rose (2001, apud CUNHA, 2005, p. 31) interpreta que as imagens são “janelas transparentes do mundo” tornando possível o acesso direto pelos sujeitos com as diferentes tecnologias de imagens, tais sejam: “fotografia, filme, vídeo, televisão, pinturas, esculturas, propagandas” entre tantas outras que o constituem ao longo dos tempos.

Nicholas Mirzoeff (apud CUNHA, 2005, p. 31) acredita que a Cultura Visual possui “um forte poder de verdade, um poder intervencionista que acaba transformando o mundo imagético na própria vida.” Ressalto esse ponto de vista, pois considero que o sujeito relaciona a escolha das imagens registradas como determinante da própria comprovação

da história de vida, como a representação da realidade experienciada. Com o uso da tecnologia, forjar uma história, ou uma “realidade” é simples e, por isso, questiono o papel das imagens como produtoras de subjetividades, que possibilitam convencer os indivíduos e produzir novas constituições da vida contemporânea.

A imagem invade a cultura ocidental desde que a igreja católica instituiu a devoção por imagens sacras, educando as pessoas para um olhar direcionado, intencionalmente fixado na visualidade. Cunha (2005) estabelece relações entre seus objetos de pesquisa, a infância, e sua viagem à Espanha, que produz direcionamentos imagéticos, da religiosidade à mídia, que produz a cultura e transforma-a com a tecnologia. A mídia instrumentaliza-se para direcionar o olhar dos indivíduos e a partir das experiências e convicções formais ou informais, há uma negociação de interesses entre ambos, pois os sujeitos continuam sendo educados por imagens, tanto no ambiente escolar quanto fora dele.



*Alguns exemplares de revistas preferidas pelas crianças da turma pesquisada.*

A infância tem presente no cotidiano o contato com as imagens diante das tecnologias oferecidas na sociedade, perpetuando o culto imagético entre elas e os adultos. Muitos adultos e crianças por sua vez, não parecem perceber que foram produzidos pelas imagens em desenhos animados, em revistas, fotos, filmes e meios com os quais as crianças da atualidade também são constituídas. Há uma aceitação mórbida em diferentes públicos e meios sociais, instigada pela mídia, que seduz e envolve o espectador de forma que este perpetue os ensinamentos televisivos e idealize modos de ver, viver e representar-se, o que torna o virtual, o imagético, a própria realidade.

Com toda essa passividade, a construção da criança, do adulto, do idoso, é borrada midiaticamente com um olhar endereçado e estabelecido como o próprio olho

infantil, adulto ou idoso. A mídia se faz necessária, pois “olha por eles” e estabelece vínculos que se articulam entre identidades e subjetividades.



*Novos olhares para a importância da infância no ambiente escolar.*

Na perspectiva deste estudo, a ruptura frente às manifestações midiáticas é o olhar opositor, crítico e questionador, que provoca as diferentes instituições, inclusive a escola, a reverem limites e ensinamentos dos conhecimentos na contemporaneidade. O mundo está dentro da escola, sem mesmo que ela o perceba, construindo saberes não contextualizados, incidindo o próprio poder, atualmente questionado pelo jovem diante da velocidade tecnológica, visual e multicultural que possui como experiência. O jovem, conectado ao mundo, é multifacetado, e a escola, com a pedagogização do mundo, subestima-o e é subestimada, causando o descontrole da própria função na sociedade.



Segundo Cunha (2005, p. 35), “as práticas do olhar produzidas pelas corporações de entretenimento são de uma dócil adesão e não de questionamento frente ao visto”. Sob essa ótica, a escola, os professores e os alunos estão sendo constituídos à passividade e qualquer sujeito que se oponha, está sujeito à exclusão. Cabe ressaltar que o professor intervém na cultura e, por isso, é necessário propor que um novo olhar seja lançado, mas não o olhar passivo, dócil, mas um olhar social, cultural e identitário, que compreenda as relações entre discurso e imagem, capacitando à diversidade em um contexto intertextual. Nesse sentido, ressalto as palavras de Cunha (2005, p.36): “a intertextualidade refere-se à forma dos sentidos de qualquer imagem ou texto discursivo dependerem não apenas de tal texto ou imagem, mas também dos sentidos de outras imagens e textos”.

O que é construído torna-se significante diante das experiências do indivíduo e sua passividade ou mobilização depende de suas aprendizagens, formais ou informais, ao longo de sua vida. As maneiras como a pessoa se constitui diante de convicções, crenças e o modo como vê a si própria, as experiências, tanto de imagens quanto dos discursos perpetuados socialmente, são fundamentais para que ela se estruture como sujeito.



*Demonstração das brincadeiras a partir das representações de imagens cotidianas.*



## **Cenas da infância num olhar mais profundo, para além do espelho**

Observo freqüentemente no cotidiano escolar atitudes que expressam, de alguma forma, as necessidades que as crianças possuem em ser compreendidas e ouvidas pelos adultos. Entre elas há uma relação de desentendimento, pois as bases que julgam fortalecer e educar a infância, também se encontram perdidas e ansiosas para o avanço tecnológico e a velocidade em que os diferentes percursos estão sendo direcionados.

Para estender o olhar como educadora e pesquisadora, parto de cenas significativas do contexto escolar que, a cada observação, percebo tanto a multiplicidade de experiências quanto a unidade de preferências na infância contemporânea. A entrevista oportunizou o olhar mais profundo, contemplando um recorte, uma cena que expressasse as necessidades dessa infância imagética que se espelha no consumo exacerbado que a mídia oferece, e na visualidade que impulsiona suas regras.

Ao se defrontarem com a entrevista, as crianças ficaram ansiosas. No andamento das perguntas semi-estruturadas e na reformulação de outras questões que surgiram, a sala de aula formal tornou-se o ambiente para uma conversa informal. Mesmo sabendo que era uma entrevista, eu, como pesquisadora e cada criança entrevistada, pareciam estar à vontade. Durante as entrevistas outros alunos da classe estavam curiosos e, por impulso, respondiam as perguntas espontaneamente, sem esperar a sua vez. Compreendi que, para eles, era muito importante que fossem ouvidos e valorizados. Ao expressarem suas preferências, opiniões e modos de ver o mundo televisivo, percebi que esse era o sinal que demonstrava diferentes maneiras de expressarem, impulsivamente, suas sensibilidades.

As informações a seguir, correspondem a fragmentos de algumas entrevistas<sup>2</sup> realizadas, contendo recortes selecionados como relevantes à elucidação das questões de pesquisa. É o meu olhar, neste momento, que permanece, amparado pelas leituras, conversas e aprendizagens, tanto na especialização e nos seminários que participei ao longo do ano, quanto na vida como um todo, que me direciona na seleção dos trechos da entrevista e da constatação da importância necessária ao estudo que propõe uma reflexão sobre: as interferências das imagens da Cultura Visual nas relações afetivas entre essas crianças e as formas de produção de sentidos da Cultura Visual a partir do

---

<sup>2</sup>Os fragmentos das falas literais dos sujeitos são apresentados entre aspas de modo a subsidiar evidências da cultura contemporânea. Os programas televisivos e os títulos dos desenhos animados mencionados pelas crianças são formatados em itálico para destacar os interstícios midiáticos envolvidos no cotidiano infantil.

que a mídia televisiva mostra.

As entrevistas foram realizadas no mesmo dia e a turma pesquisada apresentou narrativas semelhantes. Algumas dessas narrativas são apresentadas a seguir:

A primeira entrevista foi realizada com um menino de dez anos. Ao perguntar sua idade e se possui televisão em casa, demonstrou com impaciência a obviedade das questões, falando que tinha “quarenta anos”. Como já conheço a turma e tenho o contato diário com os educandos, essas perguntas tornaram-se óbvias e sem atrativos, e foram sendo adaptadas.

Atualmente, ter televisão em casa parece ser tão comum que nem precisaria de uma questão para isso. Penso que a tecnologia estabeleceu um percurso necessário e ativo no cotidiano das pessoas, em especial das crianças, foco desta pesquisa. Ter televisão é também pertencer ao mundo, estar atento ao que acontece, permitindo estabelecer relações com outras pessoas através do meio de comunicação. No entanto, a TV parece “suprir” as carências das crianças em informação, mas por outro lado, não estabelece vínculos com o ser humano, o que ocasiona constante insatisfação por parte de seus usuários.

Conheço o histórico pessoal desses alunos, o que facilita a compreensão de uma realidade com mais profundidade. E esse aluno, em especial, possui uma vontade nítida em permanecer na escola e, como isso não é possível, demonstra essa insatisfação em suas ações. Algumas características são apontadas na entrevista, pois são pertinentes ao estudo de modo a possibilitar o entendimento histórico-social das cenas que produzem novos olhares frente à infância. Sendo assim, apresento algumas dessas características, aponto prioridades e comento os seus reflexos sócio-culturais no espaço escolar.

O educando mora numa casa e possui três televisões: uma no quarto, outra na sala e outra no quarto da mãe. Assiste mais televisão em seu quarto, preferindo estar sozinho. Gosta dos seguintes programas: *Pânico na TV*, *Naruto*, *Dragon Ball Z* e *X Men*, da TV aberta. Relata que gosta desses desenhos, pois são “de lutas” e dessa forma ele pode “ver os golpes” e “bater em quem enche o saco”. Como brincadeira preferida relata que gosta de “jogar futebol”, mas como diz que alguns jogadores “brigam”, ele briga também, para se defender.

A maioria dos entrevistados gosta de desenhos “de luta”, dos “poderes” e dos artefatos (adereços, brinquedos, utensílios e alimentos) que acompanham os programas. Demonstram brincar de uma maneira que expresse seus sentimentos e percepções. Muitas vezes, não há controle sobre o próprio corpo e, inspirados pela violência excessiva, os sujeitos machucam-se e não compreendem as conseqüências que

envolvem uma briga.

Há uma ruptura entre a conscientização das ações violentas e a proliferação dessas ações. Por um lado, a primeira deve ser pautada, a cada momento, pela busca da reflexão acerca dos acontecimentos. Isso oportuniza a formação ética e social do sujeito, além de produzir concepções sobre a maturidade da infância. Por outro lado, a segunda, quando não é discutida junto aos sujeitos, torna-se uma prática constante na vida dessas crianças e tende a assumir proporções cada vez maiores.

Quando se capta as experiências do sujeito, muda-se radicalmente a própria maneira de ver a infância atual. Nesse sentido, constato que os sujeitos estão rápidos, atentos às novidades, porém insatisfeitos e, ao mesmo tempo, desatentos para consigo mesmos e para com os outros. Relatam que a família só se encontra nas refeições, enquanto que, em outros momentos, permanecem jogando *videogame*, em frente à TV, ou em outros cômodos.

Observo como preocupantes os novos sentidos que a infância está desenvolvendo quanto aos novos modos de “viver” ou de “ser” em família e na sociedade, pois não sabemos que reflexos trarão no futuro. Mesmo assim, cabe ressaltar que se trata de novas reconfigurações familiares, novos olhares frente à sociedade, a preconceitos, ao modo de viver e, ao modo de ser. As crianças absorvem o que está ao seu redor e, se elas relatam informalmente suas carências, é importante que sejam percebidas, orientadas e conduzidas ao desenvolvimento saudável.

A segunda entrevista foi realizada com um menino de dez anos, que tem três televisões em casa: uma grande no quarto da mãe, outra grande no quarto dele e outra pequena na sala. Assiste pela manhã, sozinho, e no quarto aos seguintes programas: *Chaves*, *Naruto*, *Dragon Ball Z*, *Bem 10*, *Padrinhos Mágicos*, gostando mais do *Dragon Ball Z*, pois comenta ser “engraçado e comem muito para ficarem fortes”. Suas brincadeiras são realizadas com o primo, usando bonecos e criando cenários conforme os desenhos. Relata que se quisesse criar outra brincadeira seria de “monstro”, relacionada também aos desenhos que assiste.

De modo geral, observei que as crianças assistem televisão sozinhas, cabendo à ela, a função de educar. Prova disso, é a manifestação em relação à comida, constantemente veiculada, de que comer bastante deixa o ser humano mais “forte”. É um valor desenvolvido a partir de um ensinamento e, neste momento, o que marcou no educando foi a comida no desenho preferido. Nesse sentido, considero que as famílias possuem a responsabilidade de ensinar valores, mas também de acompanhar seus filhos na reflexão acerca do que assistem ou de como a aprendizagem ocorre frente aos

programas televisivos.

A terceira entrevista foi realizada com uma menina de nove anos que também possui três televisões em casa: uma no próprio quarto, outra na cozinha e a terceira na sala. Assiste mais televisão na sala, com o padrasto ou com a mãe, mas prefere assistir sozinha. Gosta dos seguintes programas: *Padrinhos Mágicos*, séries como *Zachi e Cody* e relata que gosta desses desenhos, pois a “fascinam”. Também gosta de filmes de terror e de assisti-los com a mãe. Seu filme preferido é *O Chamado*, pois “a menina vai atrás das pessoas para matar quem a maltratou, depois de ter sido afogada no poço”. Menciona também que, ao brincar, faz o cabelo “ficar liso”, como a protagonista do filme. Gosta de brincar também “de Polly”, faz casas “bem grandes” e conversa com as amigas.

A narrativa da menina não demonstra a preferência por atividades de luta, como nas entrevistas anteriores, porém há o terror e a fascinação pela juventude. O terror também faz parte de uma categoria de programas que aguçam o imaginário infantil, permitindo reações a partir do que se assiste. Da narrativa, se produz a história construída constantemente com o reforço das imagens e, conseqüentemente, as ações no cotidiano.

É importante ressaltar que minha pesquisa não possui a função de analisar os programas, mas as preferências das crianças no contexto imagético. É importante considerar que não é somente o contexto da televisão que constitui a criança, pelo contrário, esse é um recorte, uma cena de vida, uma análise do discurso com o foco na preferência da criança, ato que também exerce influência dentro de múltiplos conjuntos de significados que cada sujeito desenvolve.

A quarta entrevistada possui dez anos, mas ressalta que o aniversário de onze está próximo, o que demarca e reforça a valorização da própria maturidade. Na entrevista disse possuir em sua casa uma televisão na sala, outra na cozinha e outras duas, em dois dos três quartos da casa. Segundo ela, sua família assiste mais televisão na cozinha e na sala. Os programas que gosta de assistir pela manhã são: *Ana Maria Braga*, desenhos e filmes da *Net* ou *Sky*, TV por assinatura. Contou também que a avó gosta de ver outros programas e, assim, a entrevistada vai para o quarto, assistir desenhos e filmes, como: *Hanna Montana*, *Hight School Music*, *Zachi e Cody*, “feitiçaria”, novelas como a *Floribela*, que, segundo ela, “é rica, amorosa e é muito legal”. Diz que gosta do “colorido” e dos “mistérios” que esses programas possuem. Mencionou suas brincadeiras de “médica-veterinária”, e disse gostar de “ir para a rua”, pois tem muitas crianças para brincar “de tubarão”, por exemplo, entre outras brincadeiras. Vê filmes com minha família e gosta mais do filme *Jogos Mortais III*, por causa do “suspense, os personagens se arriscam e é

escuro”. Diz que entende as imagens e percebe nas falas que o personagem principal consegue fazer tudo o que quer. “Isso não é real. Eu vejo no filme e gosto”. Disse que estava muito feliz, pois ganhou “um vestido rosa, uma varinha mágica” e fez as próprias pulseiras para brincar. Relata também que fica “bastante tempo” com a família.

Através das entrevistas, pude constatar que as programações televisivas estão cada vez mais freqüentes no cotidiano das crianças. De modo geral, as brincadeiras são dominadas pelo que assistem, não restando muito tempo para criar. As vestimentas, o comportamento, os gestos, as falas estão todos subjetivados pela mídia atual. E essas, motivam a produção televisiva. Assim, quanto mais assistem, mais filmes, desenhos e programas do gênero se estabelecem. O consumismo é recíproco e conduz, tanto crianças quanto programadores, a perceber que, cada vez mais as preferências e os gostos infantis são um material de excelência para subsidiar a produção e a oferta, e estas, capacitam a infância a pedir sempre mais.

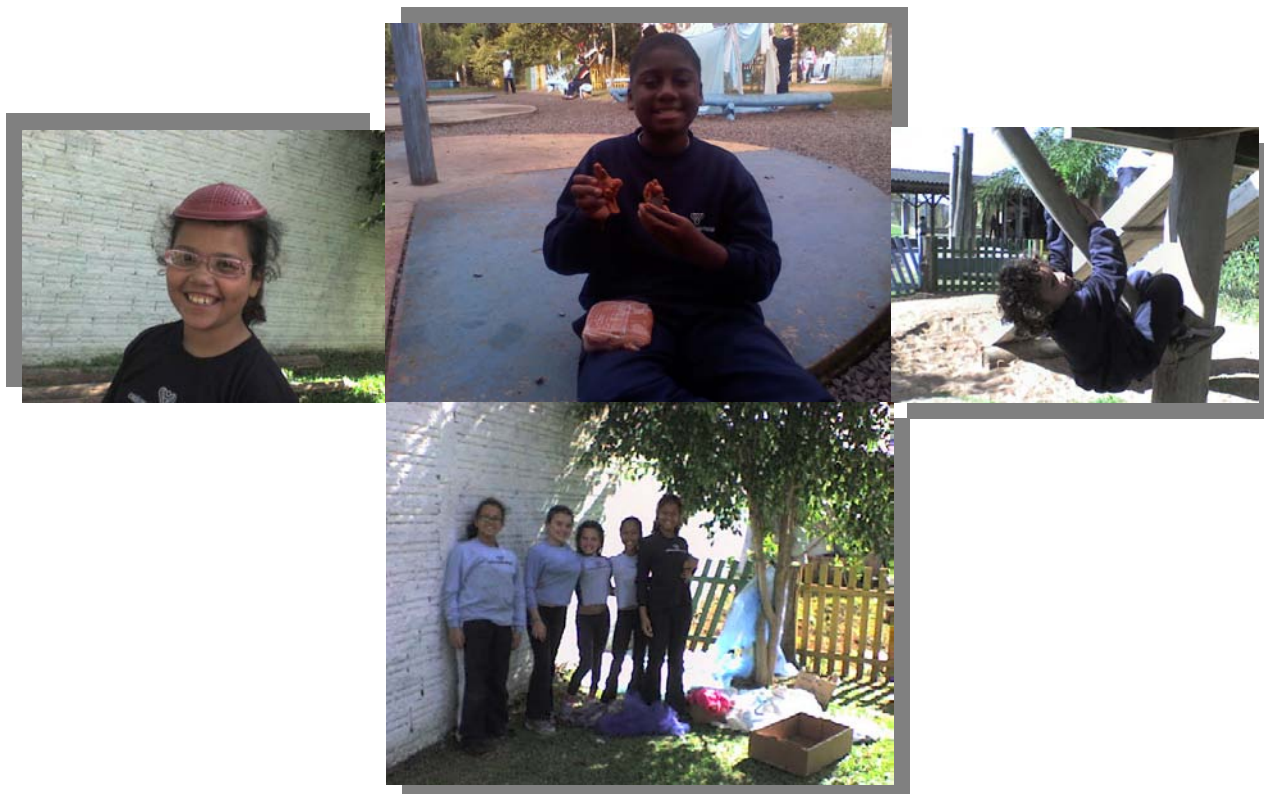
O próximo entrevistado a ser apresentado é um menino que possui dez anos de idade. Relata que tem três televisões, sendo uma delas emprestada, mas que “está em casa há um tempo”. As televisões estão, uma no próprio quarto do menino, outra no quarto dos pais e outra na sala, sendo que uma delas está reservada para o *videogame*. A família possui TV por assinatura e assiste mais televisão na sala, espaço, segundo o menino, “onde comemos”. Prefere assistir o canal com desenhos japoneses, o *Animax*. Geralmente assiste sozinho e às vezes com a família. Gosta também de programas como *Padrinhos mágicos*, “no canal 56 e no *Animax* gosto de um desenho com o nome em inglês que são três monstros que salvam, acham que são do mal, mas não são”. Esse programa é veiculado pela manhã e pela tarde. Há um outro programa que gosta: *Hunter VS Predador*, cuja história é de um menino que estava no computador e envolve-se num jogo em que ganharia um milhão de reais se colocasse um cartão no lugar certo. No jogo, o amigo orientou para não inserir e, mesmo assim colocou e tirou o dinheiro. Ao conversar se era essa a maneira que tinha de brincar, replicou dizendo que jogar não é o mesmo que brincar e disse: - *Não brinco, eu só jogo no vídeo game. Brincar para mim é jogar futebol e olhar TV. Se não tivesse TV e nem vídeo game eu iria montar brinquedos.* Conversamos a respeito e logo retornou ao assunto dos jogos, entretanto, envolvia os jogos de computador. Gosta do jogo *Gun*. Relata que o jogo “é com tiros”, sendo a história, segundo o menino, “do pai que joga o filho no mar e quando o filho acorda em *Honest Tomba*, ele fala: - *Go!* E logo está no meio do caminho para continuar sua missão”. Esse programa é reforçado por ele em textos propostos nas atividades em sala de aula, como no livro realizado pela turma e exposto na 54<sup>a</sup> Feira do Livro de Porto

Alegre, que um dos três textos dele, expressa esse mesmo relato.

Quando havia conversado com a família do aluno, havia sido relatado que os filhos passavam a noite jogando e não tinham ânimo para ir estudar no colégio, devido ao cansaço. Na entrevista realizada com o menino, também se relatou esse episódio. Ele disse que jogavam *Heróis IV* entre outros jogos de guerra.

O fato que precisamos refletir está além das programações de televisão, filmes ou *videogame*. Há uma mobilização das crianças em relação a tais programas, mas também uma construção de espaços freqüentados em casa, na escola, que estão sendo modificados a partir das transformações da mídia, sobretudo, das crianças. Nessa perspectiva, o que constitui a infância contemporânea são as inúmeras experiências que abarcam o desenvolvimento dos sujeitos e, dessa maneira, as imagens, a tecnologia e os artefatos, direcionam também o pensamento das crianças, suas preferências e suas próprias escolhas ao longo da vida.

Acredito que a maneira de assistir programações de luta, terror, suspense e guerra, por crianças com idades entre nove e onze anos, precisa ser disciplinada, sendo acompanhada por adultos e regulada, para que se possam oportunizar novos espaços, novas brincadeiras que despertem a curiosidade, o imaginário e o desenvolvimento integral do corpo, numa perspectiva atuante e consciente, pois o que as crianças ouvem e assistem faz parte das suas experiências como sujeitos, o que se reflete em suas ações no cotidiano.



*O cotidiano representado pela brincadeira e fantasia.*





## **Contribuições para a valorização da infância num contexto visual**

Diante das observações realizadas e das entrevistas que, nitidamente provocam tanto o pesquisador quanto o educador à reflexão mais profunda sobre a maneira como as imagens da mídia influenciam o comportamento das crianças, proponho, como professora da turma pesquisada, três abordagens a serem trabalhadas, para a contribuição na produção das reflexões. A primeira delas aborda o sujeito e consiste na descoberta do “eu”, que permite ao educando o conhecimento próprio, produzindo a reflexão contínua sobre atitudes que aprova ou não em si mesmo. A segunda abordagem caracteriza-se pelo “eu e o outro”, produzindo a análise das atitudes do educando diante de outro educando, tornando possível a conscientização das representações que eles possuem entre si. A terceira culmina na investigação da percepção dos olhares dos educandos caracterizando-se pelo “eu na sociedade”, permitindo a análise de diferentes contextos e da função do educando como cidadão. Os três eixos possuem base na Cultura Visual, pois lida com as representações pessoais e de outrem, pontuando a reflexão como construtora dessas percepções. Diante da produção cultural vigente, ressalta Ketzer, 2003:

A reflexão pode conduzir a uma visão cáustica sobre a fragilidade da infância diante do poder hegemônico da indústria cultural, por sua ação inculcadora na direção de um consumo exacerbado ao envolver com tanta competência as crianças, tendo a televisão como mola-mestra. Entretanto há de se destacar que os meios de produção cultural, incluindo o livro, o gibi, o jornal, o teatro, as artes plásticas, o cinema, a televisão, o brinquedo e a própria internet têm de ser considerados em suas diferentes linguagens. E nessa perspectiva, são complementares e não excludentes (KETZER, 2003, p. 20).

Os três procedimentos descritos a seguir serão analisados para contribuir ao alcance dos objetivos e dos eixos temáticos, visando significar a Cultura Visual de maneira consciente às realidades: a exposição da produção de um auto-retrato, confeccionado com tinta e cola plástica em espelho, seguindo com a inscrição da opinião do autor, em folha de papel, para ser colocada junto à obra. Esta terá a interferência do outro, que irá escrever também suas apreciações frente ao retrato. Produzindo uma instalação de modos de olhar e ser visto, sendo expostos na escola para que a comunidade perceba os sujeitos como agentes inscritos na história como produtores culturais.

Conforme Chalita, 2001:

Eis o princípio básico da construção da cidadania, educar para a convivência pacífica, harmônica e feliz. Educar para o respeito, para a troca de experiências, para o exemplo no trato com o outro e consigo mesmo. Educar para que todas as

vicissitudes sejam enfrentadas com galhardia. Essa responsabilidade não é apenas da escola, é de toda a sociedade, a começar pela família, primeiro espaço de convivência, em que os pais se tornam modelos, mitos, exemplos. Depois dos pais, os professores, cuja atitude pode influenciar, moldar. Também os clubes, as igrejas, as associações podem contribuir para formar uma pessoa responsável e engajada nos interesses da comunidade (CHALITA, 2001 p. 120).

Essas abordagens pretendem promover a discussão e a experiência de valorização pessoal, uma vez que serão os educandos os participantes da ação, a família como incentivadora e a educadora, na mediação na adequação de possíveis atividades conforme as diferentes respostas dos participantes. Será, portanto uma pesquisa-ação que busca incentivar a produção de saberes dos educandos, frente às necessidades abordadas e da pesquisadora, no intuito de descobrir novos caminhos percorridos pelos estudos da cultura visual e as relações afetivas.

Ressalta Martins, 2007 que:

São muitas as maneiras de quebrar e de construir o saber artístico e visual. A idéia de ruptura, embora incômoda, é presença contínua na história da cultura, da arte etc. Graças a essas rupturas ou descontinuidades, como preferem alguns autores, conceitos e versões de cultura e visualidade continuam sendo expandidos, quebrados e reconstruídos, transformando-se em complexos fluxos e entrecruzamentos do pensamento ocidental que nos permitiram argumentar que já não existem certezas epistemológicas (MARTINS, 2007, p. 37).

Nesta perspectiva, entende-se que, a Arte Visual pode proporcionar a leitura do mundo que é cercado ao educando e nele, como participante, pois tem a oportunidade de refletir a responsabilidade, exercer a mudança, a partir das experiências que produzem novos olhares sobre si e sobre o outro, tornando-se fundamental para a sociedade. Cabe ressaltar a cultura visual como fonte de reflexão às questões emergentes de mudança seja no âmbito social, o qual a escola se insere, quanto no individual, pois cada um é agente, é colaborador, é protagonista da realidade atual.

A importância primordial da cultura visual é mediar o processo de como olhamos e como nos olhamos, e contribuir para a produção de mundos, isto é, para que os seres humanos saibam muito mais do que experimentaram pessoalmente, e para que sua experiência dos objetos e dos fenômenos que constituem a realidade seja por meio desses objetos mediacionais que denominamos como artísticos (HERNÁNDEZ, 2001, p. 52).

Hernández também contribui ao afirmar a Cultura Visual como “mediador cultural” (2001, p. 52) o que pode ser reportado a todo e qualquer meio visual. Quando questionado, interpretado ou concebido mantém suas estruturas de controle ou mudança diante do objetivo e do público ao qual é direcionado. No espaço escolar, por exemplo, a cultura visual permite direcionar as abordagens de maneira etnográfica, pois o professor-pesquisador se instiga a criar momentos para a crítica, ao enlace de concepções e perspectivas dos educandos.

Diante das experiências dos educandos, ou do próprio educador, são estabelecidos os vínculos para a aprendizagem, as preferências de atividades, os gostos por determinados assuntos e a oportunidade de discussão e construção de novos saberes. Richter aponta que os aspectos culturais de ambos no processo influenciam a “cultura da escola” (2004 p.152) que por sua vez está sofrendo alterações em seus modos de conduzir a aprendizagem, devido à transformação também dos seres humanos na sociedade, os quais se caracterizam pelo seu público principal.

Quando a escola e, diretamente o professor, pelo contato direto com os educandos percebe que as diferentes culturas estão produzindo os momentos de aprendizagem e ensino no espaço escolar ou fora dele, se estabelece um vínculo interno de que renova a visão de mundo dos participantes do processo, uma vez que permanecem em transformação e valorização da trajetória de cada um. Richter aponta a cultura como elemento fundamental para a mudança de paradigmas:

Fenômeno unicamente humano, a cultura se refere à capacidade que os seres humanos têm de dar significado às suas ações e ao mundo que as rodeia. A cultura é compartilhada pelos indivíduos de um determinado grupo, não se referindo, pois a um fenômeno individual; por outro lado, cada grupo de seres humanos, em diferentes épocas e lugares, dá diferentes significados a coisas e passagens da vida aparentemente semelhantes. As culturas mudam, seja em função a sua dinâmica interna, seja em função de diferentes tipos de pressão exterior. [...] A cultura é, pois, um processo dinâmico de reinvenção contínua de tradições e significados (THOMAZ s/d, apud RICHTER, 2004, p. 143).

Pensando dessa forma, o indivíduo envolvido na pesquisa, seja educador ou educando, tem a oportunidade de observar os espaços e as culturas que cercam o ambiente escolar, os quais traduzem em modos de olhar a sociedade, diante das perspectivas e manifestações culturais. Cada ponto é importante para pesquisa, inclusive diante das situações que se apresentam no cotidiano desta turma, indicando suas necessidades afetivas ou cognitivas. Pretendo com a pesquisa etnográfica aprofundar os conhecimentos na área da cultura e da arte, pois ambas produzem elementos primordiais “de maneira a permitir a compreensão da própria realidade por meio dos saberes mais gerais, e a compreensão do mais geral a partir da própria realidade”, como salienta Richter (2004, p. 152).



*A presença da Cultura Visual no momento de expressão livre das artes.*

As leituras amparadas por autores da Cultura Visual subsidiam os modos de ver e pensar a pesquisa-ação, uma vez que o contato com os educandos é diário e a cada momento percebo uma mudança, constituinte à formação do sujeito. Como são participativos e colaboradores das propostas, crio espaços para debates com frequência, possuem a oportunidade de brincar e experimentar a arte como forma de aproximação tanto de suas representações quanto de possíveis interferências ao comportamento apresentado por eles.



## Considerações sobre o reflexo da pesquisa

Diante desse estudo observo os aspectos que o constituem. A experiência em Educação por nove anos e, desse tempo, três anos consecutivos dedicados à quarta série do Ensino Fundamental, auxiliou-me na busca do foco da pesquisa: a criança e suas necessidades lúdicas. Ao conhecer a turma de quarta série em que leciono atualmente, pude relacionar os reflexos da sociedade sobre elas como um espelho que constitui a percepção, os modos de ver, de ser e de agir no cotidiano delas.

O que mais me chama a atenção nessa realidade específica é a carência de afetividade entre as crianças. O comportamento agressivo, as palavras sem medidas, tornaram-se foco de minhas observações na busca da reflexão acerca dos elementos que as conduzem a permanecerem-se insatisfeitas consigo mesmas e com os outros. Esse aspecto motivador impulsiona minhas perspectivas e me mobiliza a conhecer cada vez mais as contribuições dos sujeitos para o campo da educação.

Uma delas é a percepção sobre o quanto a educação escolar deve ser resignificada, pois se apresenta descontextualizada para a infância atual. A velocidade de informação, os conceitos produzidos pela mídia, as famílias reguladas por modos de perceber o mundo de forma fragmentada mostram os contrastes escolares que se estabelecem no aprisionamento de idéias e nas práticas sem significado.

A análise do desenvolvimento histórico das civilizações possibilita compreender que a visualidade cultural marca cada momento e, com isso, a sociedade aprende seus valores, percepções e necessidades. A escola precisa repensar o ato de educar, questionar, desvelar e produzir novos olhares frente ao que emerge na sociedade.

Com isso, ressalto as idéias de Vygotsky:

[...] a obra de arte não suscita sentimentos em nós como as teclas do piano suscitam os sons, cada elemento da arte não introduz em nós o tom emocional, mas a questão se dá exatamente ao contrário. De dentro de nós mesmos nos inserimos na obra, projetamos nela esses ou aqueles sentimentos que brotam do mais profundo do nosso ser e, evidentemente não estão na superfície dos nossos próprios receptores mas relacionados à mais complexa atividade do nosso organismo (VYGOTSKY, 1999, p. 260).

Com base nessas idéias e pelas demais perspectivas apresentadas nesse estudo, é preciso também, um olhar para o espelho, por parte das crianças, para que elas possam desenvolver a consciência do que desejam ser e de como desejam pensar. Essa consciência se reflete no modo como o sujeito percebe o mundo que está envolvido de maneira a comprometer-se com ele. A mídia se ocupa dessas evidências e aproveita para exercer seu olhar integrado às preferências, aos contextos, aos diferentes públicos

influenciados pelas representações mundiais que dirigem concepções.

A sociedade contemporânea incorpora a Cultura Visual como um enfoque que articula novos olhares relacionados aos interstícios multifacetados e que, sem fronteiras, está cada vez mais presente no cotidiano dos indivíduos.

Nessa nova forma de articulação das relações, torna-se importante o desenvolvimento do corpo e da consciência de que os indivíduos são transformadores de realidades e multiplicadores de experiências. O que vivenciam torna-se processo de pensamento e ação construído coletivamente. São necessárias iniciativas criativas que representem a itinerância do jovem, que valorizem as experiências e que produzam novos olhares, novos reflexos e novas ressonâncias que ativem a escola de maneira a aproximá-la das novas configurações sociais.

Esse estudo aborda as vozes dos educandos que ecoam significados, que discursam a construção social e que compartilham subjetividades. Contudo, as necessidades lúdicas na infância são expressas pela movimentação, pelas maneiras como ocupam espaços e pelas formas como demonstram suas afetividades. Essas evidências contribuem para o campo da educação para que a escola esteja interligada aos aspectos cotidianos e, dessa forma, torne possível significar realidades.

A trajetória de cada sujeito deve ser valorizada através do diálogo, das diferentes formas de olhares entre si e para a realidade, como uma reconstrução que vai além dos reflexos inscritos sobre si, torna possível a ressignificação do olhar crítico, a partir de uma análise do cotidiano escolar interferido pela sedução visual.







*Olhares sobre a cultura, a diversidade e a afetividade no ambiente escolar.*



## Referências

- BERG, Evelyn. **A função da imagem.** In [http://www.artenaescola.org.br/pesquisa\\_artigos\\_texto.php?id\\_m=65](http://www.artenaescola.org.br/pesquisa_artigos_texto.php?id_m=65)  
Porto Alegre, 1990. Acesso em 16 de abril, de 2008.
- CUNHA, Susana Rangel Vieira da. **Educação e cultura visual:** uma trama entre imagens e infância. Porto Alegre. PPGEd/ Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005, 254p. (Tese de Doutorado)
- CHALITA, Gabriel Benedito Issaac. **Educação:** a solução está no afeto. São Paulo: Gente, 2001.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução de Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A. 2003. 7ª ed.
- \_\_\_\_\_. **A centralidade da cultura:** notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 22, nº2, p. 15-46, jul./dez. 1997.
- HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual:** transformando fragmentos em uma nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Cultura visual, mudança educativa e projetos de trabalho.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Transgressão e mudança na educação:** os projetos de trabalho. Porto Alegre: ArtMed, 1998.
- KETZER, Solange. A criança, a produção cultural e a escola. In JACOBY, Sissa. (Org.). **A criança e a produção cultural:** do brinquedo à literatura. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.
- MARTINS, Alice Fátima; COSTA, Luis Edegar; MONTEIRO, Rosa Horio. (Orgs.). **Cultura visual e desafios da pesquisa em artes.** Goiânia: ANPAD, 2005. 2<sup>o</sup> volume.
- MARTINS, Raimundo. A cultura visual e a construção social da arte, da imagem e das práticas do ver. In OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. (Org.). **Arte, Educação e Cultura.** Santa Maria: UFSM, 2007.
- NOVAES, Adauto. (Org.). **Artepensamento.** São Paulo: Companhia das letras, 1994.
- RICHTER, Ivone Mendes. A pluralidade cultural e o ensino de arte. In CORRÊA, Airton Dutra. **Ensino de artes:** múltiplos olhares. Ijuí: Unijuí, 2004.
- VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Psicologia da Arte.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

## Anexos

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PEDAGOGIA DA ARTE**

**TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO**

O objetivo principal do projeto de pesquisa O Olhar além do espelho: Cultura Visual midiática e relações afetivas no ambiente escolar centra-se na questão a respeito das diferentes manifestações infantis diante das programações atuais em TV aberta e por assinatura – artefato cultural presente no cotidiano familiar incorporado como mediador de subjetividade ao comportamento da infância contemporânea.

O estudo focaliza-se num recorte desta realidade que compreende a Rede Particular de Ensino, na zona norte de Porto Alegre, no bairro Parque dos Mayas, e envolve crianças da quarta série do Ensino Fundamental. A classe solicitada a esta Intituição para a pesquisa é composta por nove meninas e quinze meninos, que participarão de entrevista semi-estruturada e propostas metodológicas que buscam discutir acerca dos questionamentos norteadores, tais sejam: em que medida as imagens da cultura visual interferem nas relações afetivas entre as crianças? Como as crianças produzem os sentidos da cultura visual a partir do que a mídia televisiva mostra? Tais questões instigam a observar e analisar as manifestações culturais da (e para a) infância, a partir do que as crianças consomem, especialmente na mídia televisiva – campo de investigação transdisciplinar.

Procura-se refletir sobre as relações da infância que envolvem a prática unidocente na escola, como meio de discussão, análise e produção de elementos teóricos para contribuir com os questionamentos promovidos pela cultura visual contemporânea e compreender suas manifestações e reflexos na sociedade.

Comprometo-me a respeitar os valores éticos que permeiam esse tipo de trabalho, efetuando pessoalmente as entrevistas, as observações do cotidiano em sala de aula e na escola.

Tendo em vista essa prerrogativa, gostaria de informar que não haverá qualquer constrangimento ou ressentimento, caso algum participante ou familiar não deseje participar deste trabalho.

Os dados e resultados individuais desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito, que venha a ser publicado.

A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa entrevistada/observada/fotografada. Se no decorrer da pesquisa, o participante resolver não mais continuar terá toda liberdade de fazê-lo, sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo.

Como pesquisadora responsável por este estudo me comprometo a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de elucidar o que eventualmente o participante venha a ter no momento da coleta de dados ou posteriormente pelo telefone (51) 3483 6956.

Porto Alegre, maio de 2008.

VANESSA FERREIRA NEVES DA SILVA  
Professora na Instituição pesquisada  
Estudante do Curso de Pedagogia da Arte

Após ter sido devidamente informada de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu MARILDA ROSÉS DE SOUZA, Diretora da Instituição escolar pesquisada, concordo na divulgação pública do estudo realizado através de entrevista, observações, fotografias e registros que contribuem para esta pesquisa no âmbito da educação e da cultura.

Porto Alegre, maio de 2008.

MARILDA ROSÉS DE SOUZA  
Diretora da Instituição escolar.